

Beneficência Portuguesa tem planos de ampliação da estrutura hospitalar



Fundada em 20 de julho de 1873 para prestar assistência médica aos portugueses, a Real Sociedade Portuguesa de Beneficência de Campinas completará 150 anos em 2023

Ana Carolina Martins
ana.martins@rac.com.br

Perto de completar 150 anos de fundação — em julho do próximo ano —, a Real Sociedade Portuguesa de Beneficência de Campinas tem grandes planos para o futuro: a ampliação do hospital, com a construção de novas unidades em terreno próprio na Avenida Andrade Neves.

Mais conhecida como Beneficência Portuguesa de Campinas, o imponente hospital dessa entidade histórica fica localizado no coração da cidade e foi fundado em 20 de julho de 1873, com a missão de prestar assistência médica aos portugueses que aqui moravam, no final do período do Brasil Colônia. Foi Francisco Gonçalves Ferreira Novo, o primeiro presidente da entidade, que levantou os recursos por meio de contribuições, doações e venda de títulos. A construção do hospital foi, então, iniciada em 1877, tendo sido concluída dois anos depois, na Rua Onze de Agosto, 557, no Centro, onde permanece até hoje.

Em 2006, o hospital foi tombado como bem de interesse histórico, arquitetônico e urbanístico da cidade, sendo inserido no grau de proteção às fachadas, ao salão nobre, capela e restante do edifício, além da área externa, muros, gradis, luminárias ornamentais antigas, jardins e a calçada de mosaico português.

Importante referência histórica campineira, a instituição passou por maus bocados nos anos finais da década de 1990. Em 2001, estava "quebrada" e endividada. Entretanto, foi salva pelos sócios remidos, que se uniram em prol do hospital filantrópico. E o que vemos hoje é uma "senhora" moderna, cheia de vitalidade e planos para o futuro. Entre eles, o da ampliação do hospital em terreno na Avenida Andrade Neves. Mas ninguém melhor para contar mais sobre a história da entidade e o que o futuro lhe reserva do que o presidente em exercício, Cláudio Amatte, que ocupa o cargo desde o licenciamento do atual presidente Arly de Lara Romêo, que hoje preside a Cohab Campinas.

Cláudio Amatte visitou, esta semana, o presidente-executivo do **Correio Popular**, Italo Hamilton Barioni. O gestor contou um pouco de sua história, da entidade e, entusiasmado, mencionou as novidades planejadas para um breve futuro.

Peço que o sr. se apresente aos leitores. Quem é Cláudio Amatte?

Eu "estou" presidente em exercício, como gestor do Hospital Beneficência Portuguesa de Campinas. O presidente, de fato, é Arly de Lara Romêo, que está licenciado, atuando no governo do prefeito Dário Saadi, à frente da Cohab. Assim, eu, enquanto 1º vice-presidente, assumi as funções do cargo. Procuro ter um contato com ele quase que diariamente, para a troca de ideias, informações e orientações sobre os rumos a tomar em relação ao hospital. Estou lá colaborando, porque em hospitais filantrópicos, o trabalho é voluntário. Desse modo, doo uma parte do meu tempo, o período da manhã, diariamente, e depois, à tarde, vou cuidar da minha vida.

Como o sr. chegou a esse cargo? O sr. nasceu em Campinas?

Sim, sou campineiro. Nasci em 1945, há 77 anos. Meu avô paterno era espanhol, minha avó nasceu em Trento, na Itália, e migrou para cá ainda criança. Eles se conheceram e se casaram, tiveram eu e meu irmão, já falecido. Meu pai, Vicente Amatte, foi o segundo prefeito de Paulínia. Estudei aqui em Campinas, cheguei a ingressar na faculdade, mas não terminei o curso porque me casei muito cedo, com 21 anos, e tenho dois filhos. Fiz, então, um curso de Contabilidade, era contabilista. Também empreendi, abri empresas, algumas indústrias, tecelagem, malharia, comércio,

EM CAMPINAS

Beneficência Portuguesa planeja ampliar hospital

Serão construídas novas unidades em terreno da Avenida Andrade Neves



O presidente em exercício da Beneficência Portuguesa, Cláudio Amatte, visitou o presidente-executivo do **Correio Popular**, Italo Hamilton Barioni

lotérica... Acabei me aposentando e, agora, estou lá no hospital, dando a minha contribuição a eles.

Mas como isso aconteceu? Como se deu o seu envolvimento na Real Sociedade Portuguesa de Beneficência de Campinas?

Eu sou sócio remido. Meu pai colocou os filhos e as noras como sócios remidos. E como remido, posso atuar na direção do hospital. Pelo estatuto, agora são apenas associados, que não desfrutam de qualquer regalia, como atendimento médico sem custo, visto que essa benesse já foi extinta. Os sócios remidos são aqueles que dão prolongamento à existência do hospital. Chegamos a somar cerca de 6 mil remidos até 1997, quando, então, foi vedada a entrada de novos remidos. Com os anos, muitos morreram e hoje devemos ter aproximadamente 2,8 mil remidos. Futuramente, alguém terá que ficar com a incumbência de tocar o negócio, porque os remidos vão sair de cena em algum momento. Foi pensando

nisso que criamos, no novo estatuto, a figura do associado, que terá compromisso de ajudar na administração futuramente.

Desde quando o sr. passou a atuar mais ativamente lá?

Eu fui convidado pelo Eivaldo Orsi, que era o 1º presidente, e pelo Arly Lara Romêo, o 2º presidente. Na época, era diretor financeiro e participei da composição desta chapa em 2001. Dos que entraram nela em 2001, restaram somente eu e o Arly na diretoria, os outros, infelizmente, faleceram. Estamos lá há 21 anos. Toda manhã vou até lá, apuro como estão as coisas em todas as áreas, chamo os técnicos quando necessário e, embora tenha poder de decisão, procuro consultar frequentemente o Arly, que, afinal, é o presidente, mesmo estando licenciado, assim como gerentes técnicos e a diretoria clínica e técnica, composta pelos profissionais médicos. O Arly já está licenciado desde o início da primeira gestão do prefeito Jonas Donizete em Campinas, quando assumiu a presi-



Novo prédio terá oito andares, com área hospitalar, parte clínica, aumentando o número de leitos, ambulatórios, especialidades, pronto-socorro e centro-cirúrgicos novos."

dência da Sanasa.

E qual foi a situação que o sr. encontrou quando assumiu esse compromisso?

Quando cheguei em 2001, o hospital estava prestes a fechar as portas. Ninguém queria assumir aquilo como estava: endividado e com apenas 32 leitos. Imagina só que absurdo, agora temos 145 leitos. Em 2001, tínhamos apenas 5 mil associados e, atualmente, cerca de 78 mil afiliados. Foi quando apareceu o Orsi e o Arly. Começamos a trabalhar e o primeiro local que reformamos foi a área de transplantes de medula, que estava entregue aos cupins. Piso, porta, tudo comido pelos cupins. Reformamos a área inteira e hoje está uma beleza, funcionando muito bem, coisa de Primeiro Mundo, bem equipada. Aos poucos, fomos revitalizando as outras áreas, deixando tudo em situação adequada para atender à demanda. Estamos há 21 anos realizando reformas e ainda há muito por fazer.

Qual é a imagem que o sr. acha que o hospital oferece hoje à população?

Quando chegamos, havia 10 mil vidas e agora somamos 70 mil vidas. E estamos crescendo... Já pensando no futuro e considerando que o patrimônio é tombado — ou seja, não tem mais como crescer ali —, existe uma área atrás do hospital, um terreno grande que fica em frente da delegacia da Avenida Andrade Neves, vamos edificar ali. Temos uma arquiteta que está fazendo um anteprojeto para uma ala de 11 mil metros de construção, com cerca de oito andares. Inclusive, estamos pleiteando os R\$ 140 milhões necessários junto ao BNDES. Hoje, nós temos uma CND (Certidão Negativa de Débitos), que conseguimos no ano passado, assim como o Cebas (certificado concedido pelo governo federal às pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, reconhecidas como entidades beneficentes de assistência social que prestam serviços nas áreas de educação, assistência social ou saúde). A ideia é construir lá, porque é preciso manter o processo de modernização. Queremos atingir 100 mil vidas e, para isso, precisamos oferecer condições para atender a essa demanda. Lá será também hospital, parte clínica, aumentando o número de leitos, ambulatórios, especialidades, pronto-socorro novo, centro-cirúrgicos novos. Enfim, um anexo novo.

“
Quando chegamos,
havia 10 mil vidas.
Agora somamos 70 mil.
E estamos crescendo...”

Com novas unidades, meta é atender 100 mil pessoas

Entidade está pleiteando R\$ 140 milhões junto ao BNDES para as obras

O andamento desse plano hoje depende do quê? Da aprovação do BNDES?

Não. Estamos no passo inicial. A arquitetura precisa apresentar o anteprojeto, em cima do qual vamos discutir e debater sobre as ideias, a fim de refiná-lo e lapidá-lo. Quanto aos recursos, temos uma empresa em vista que cuidará da questão do financiamento do montante, visto que a burocracia é bem detalhada e exige vários documentos. Teremos que demolir algumas construções que estão lá, incluindo um belo de um departamento de oncologia existente nesse terreno. Claro que o projeto prevê um novo ambulatório de oncologia. Também tem uma lanchonete e um posto bancário que vão precisar sair.

Hoje, em um hospital, qual a área que demanda mais investimentos?

A de imagem. Porque precisamos de mais equipamentos para atender as vidas no segmento de alta complexidade que temos e também as do SUS. Precisamos oferecer todos os serviços por conta própria e deixar de terceirizar para todo lado.

Quando ocorre a nova eleição para a gestão do hospital?

O nosso mandato, de três anos, termina no fim de maio deste ano, mas queremos antecipar para o final de abril, e realizarmos novo processo para a escolha do novo presidente. Nas duas últimas legislaturas, apresentaram-se duas chapas, a que já está presidindo e outra para disputar. Há algum tempo ainda para resolver isso.

Como funciona a porcentagem de atendimento de pacientes do SUS no Beneficência Portuguesa? Os repasses estão ocorrendo normalmente?

Não atendemos pacientes do SUS na porta do hospital. Eles são repassados pela central de encaminhamento do Sistema. Temos um contrato por 30 leitos clínicos e 10 de UTIs. Estamos com uma ocupação de 77% no hospital como um todo. Do SUS, hoje, estamos com 53 internados. Mas os números mudam diariamente. Os repasses, tanto federal como municipal, estão ocorrendo normalmente, sem qualquer problema.

Tivemos conhecimento de que o hospital agora faz parte de uma rede, a "Portugal Saúde no Brasil". O sr. pode nos explicar um pouco sobre o que se trata?

Sim, desde outubro do ano passado, quando estive em Brasília, na Embaixada de Portugal e assinei um memorando que cria uma rede de hospitais beneficentes portugueses no Brasil. Estavam presentes a secretária de Estado das Comunidades Portuguesas, Berta Nunes, o secretário de Estado Adjunto e da Saúde, Antônio Lacerda Sales — representando o governo português —, um representante da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e autoridades brasileiras. A iniciativa surgiu a partir das dificuldades enfrentadas pelas unidades de saúde durante a pandemia. Nos próximos meses, será consolidado um plano para que as entidades possam se ajudar, contando com um apoio mais estruturado de Portugal. Em Brasília, eu e outros 10 presidentes de instituições beneficentes de matriz portuguesa assinamos o documento, que prevê benefícios como a facilitação de compras conjuntas, contatos com empresas portuguesas, transferência de pacientes e, ainda, a viabilização de projetos de pesquisas ou intercâmbio de profissionais, entre outras possibilidades.

Encerrando este bate-papo, o que faz em seus momentos de lazer? Qual o seu



Hospital integra a rede "Portugal Saúde no Brasil": um plano para que as entidades possam se ajudar, contando com apoio estruturado de Portugal



"Precisamos oferecer todos os serviços por conta própria e deixar de terceirizar para todo lado", afirmou o presidente em exercício da Beneficência Portuguesa, Cláudio Amatte

hobby ou atividade para relaxar?

Bom, tem muita gente que vai falar que eu sou milionário, mas isso não corresponde com a realidade. Vivo bem, mas não sou milionário. Tenho uma embarcação, uma lanchar de 27 pés e, quando me dá na cabeça, pego ela e vou para Ilhabela, paro em uma praia deserta, coloco o meu traje de mergulho e entro no mar para me distrair e relaxar. Já até mergulhei no Caribe. Eu dei-

xo a embarcação em uma marina que fica entre Caraguatuba e Ilhabela, porque tenho casa em Caraguá. Entrar no mar é entrar em outro mundo. É realmente uma experiência maravilhosa, extraordinária. Estive em lugares maravilhosos como Aruba e Bonaire (na costa Norte da América do Sul, a apenas 100 km da costa da Venezuela), onde fui duas vezes. Também mergulhei no Havaí.

HOSPITAL REAL SOCIEDADE PORTUGUESA DE BENEFICÊNCIA

EM NÚMEROS

149 Anos de Experiência	10 mil Pacientes no Pronto Atendimento/mês
300 Médicos	147 Leitos fixos
600 Internações/mês	20 mil Pacientes atendidos mensalmente
30 Cirurgias/mês	43 Especialidades médicas
750 Colaboradores/funcionários	CONVÊNIO SUS:
5 Salas Cirúrgicas	44 Leitos — 14 de UTI adulto e 30 de clínica médica
40 Leitos de UTI	ENFRENTAMENTO À PANDEMIA SUS:
	20 Leitos — 10 de UTI e 10 de clínica médica

MELHORIAS NOS ÚLTIMOS ANOS:

- ✓ Renovação do Parque Tecnológico no Centro Cirúrgico e UTIs
- ✓ Aumento do número de leitos intensivos de 30 para 50
- ✓ Implantação do Núcleo Interno de Regulação (NIR)
- ✓ Inauguração da Nova Central de Material e Esterilização (CME)
- ✓ Acreditação ONA Nível 2
- ✓ Aumento de parcerias com instituições de ensino
- ✓ Troca de mobiliários
- ✓ Aceleração digital
- ✓ Implantação do serviço "Experiência do Paciente"
- ✓ Implantação de protocolos institucionais e ciclos de melhorias contínuas
- ✓ Inauguração do Serviço de Oncologia
- ✓ Elaboração e planejamento da construção de um Anexo Administrativo Assistencial para Atendimento Ambulatorial
- ✓ Elaboração do projeto de construção de Área Hospitalar com Serviços de Apoio e Diagnóstico, visando atender convênios e ampliar a oferta de leitos ao SUS.

CERTIFICAÇÃO CONQUISTADA:

Acreditação Plena, pela Organização Nacional de Acreditação (ONA), uma das avaliações nacionais mais abrangentes do setor, em 2019. Para manter o título, o hospital é reavaliado a cada dois anos e, em setembro de 2021, passou por sua quinta avaliação.



Livro com assinaturas de visitantes ilustres de 1886; à direita, o projeto de ampliação do hospital Beneficência Portuguesa de Campinas, que completará 150 anos

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Popular - Campinas/SP

Seção: Cidades **Caderno:** A **Página:** 4 e 5